

MULTICULTURALISMO E DOCÊNCIA: UM DESAFIO PARA A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Josenalva da Rocha Silva¹

Resumo

O presente estudo tem como objetivo, discutir a prática pedagógica multicultural como instrumento para a superação das dificuldades enfrentadas na contemporaneidade. A partir de uma revisão sistemática de literatura, foram analisados artigos de autores diversos, contemporâneos, a fim de compreender as nuances de uma docência multicultural, enquanto instrumento e superação das dificuldades enfrentadas. Ao atuar de forma relativizadora, evidenciando e respeitando as diferenças, os educadores tendem a compreender junto com os alunos, os processos que entremeiam os problemas de relacionamento e de aprendizagem, evidenciados. Desta maneira, consegue desenvolver uma práxis pedagógica para a elevação da autoestima, superação dos desafios e desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito aprendente, promovendo a formação de cidadãos conscientes de si e do outro e de ambos no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Educação. Multiculturalismo. Diversidade cultural. Prática Pedagógica.

Abstract

This study aims to discuss multicultural pedagogical practice as an instrument for overcoming the difficulties faced in the contemporary world. From a systematic review of the literature, articles of diverse authors, contemporary, were analyzed in order to understand the nuances of a multicultural teaching as an instrument and overcoming the difficulties faced. By acting in a relativizing way, evidencing and respecting the differences, educators tend to understand together with the students, the processes that intersect the problems of relationship and learning, evidenced. In this way, it is able to develop a pedagogical praxis for raising self-esteem, overcoming challenges and developing the potential of each learning subject, promoting the formation of aware citizens of themselves and of the other and both in the contemporary world.

Key word: Education. Multiculturalism. Cultural diversity. Pedagogical Practice.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como abordagem temática o multiculturalismo no contexto da Educação. No ambiente da escola pública, as diversas culturas e identidades se relacionam de maneira dinâmica e dialética, carecendo dos educadores, uma visão mais humanística e humanizada, no tratamento dos conteúdos e das práticas pedagógicas.

¹Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana do Paraguai. E-mail: joiarocha2010@hotmail.com

As diferentes faixas etárias, as diferenças de gênero, crença religiosa, de costumes familiares e sociais se apresentam nas salas de aula. Cada sujeito tem uma visão de mundo que emerge da sua história de vida; das suas experiências desde a mais tenra idade.

O fato de os alunos de escola pública advirem de classes sociais baixas, com poucas oportunidades de ascensão social, dificuldade de acesso a bons serviços de saúde, emprego; convívio com a violência urbana e até familiar; moradias precárias e alimentação deficitária os coloca em situação de exclusão social. Tais fatores podem elevar as dificuldades de permanência na escola, bem como os problemas de aprendizagem, fazendo com que muitos desistam de estudar.

Neste contexto, a diversidade cultural presente nas identidades múltiplas pode ser um caminho para a elevação da autoestima, aceitação do outro, inclusão e consequente melhor desempenho escolar. Tamanha diversidade eclode nos diálogos, na convivência e troca de saberes entre os alunos e entre estes e os educadores, enriquecendo a aprendizagem. Para tanto, é necessária uma postura relativizadora que compreenda cada expressão cultural a partir do contexto de vida de cada sujeito.

Por outro lado, a criminalização de expressões culturais, tais como a cultura do Funk, reconhecido como manifestação cultural pela Câmara dos Deputados desde 2013; e a demonização de religiões, tais como o Candomblé, elevam a tendência ao desenvolvimento de atitudes discriminatórias na sociedade e consequentemente dentro da escola. Dessa forma, o tratamento dado ao multiculturalismo em sala de aula deve contemplar estes aspectos discriminatórios e sociopolíticos, de maneira a desconstruí-los, com respeito à liberdade de expressão e à dignidade humana.

Diante deste quadro, emerge um problema: como uma intervenção pedagógica multicultural pode contribuir com a superação das dificuldades da escola contemporânea? Para responder a este questionamento, o presente artigo desenvolve-se com o objetivo de discutir a prática pedagógica multicultural como instrumento para a superação das dificuldades enfrentadas na contemporaneidade.

Tal pesquisa torna-se relevante em virtude da emergência na discussão desses assuntos em esfera acadêmica, tendo em vista o contexto atual. O Estado e as instâncias educacionais têm a responsabilidade de formar cidadãos capazes de respeitarem as diferenças e perceber a diversidade cultural como uma riqueza de cada sujeito e grupo social.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se por uma revisão sistemática do tipo descritivo e de abordagem qualitativa. Tem como foco a qualidade, a validade e a aplicabilidade dos estudos selecionados para fornecer evidências científicas. A partir desta análise é possível desenvolver uma síntese com base nas inferências realizadas pelos diversos autores (DE-LA-TORRE-UGARTEGUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011).

Por meio do método sistemático, é possível identificar os diversos estudos sobre um determinado assunto. A busca dos dados é explícita, seguindo procedimentos claros e sistematizados (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI, 2011).

A pesquisa qualitativa é essencial para entendimento das questões socioculturais, comportamentais, e emocionais que envolvem a vivência dos sujeitos no contexto de um determinado fenômeno observado (BASTOS, 2007).

A busca dos dados foi realizada na Scientific Eletronic Library Online (SciELO), onde foram encontrados diferentes artigos e monografias relacionados ao tema proposto. Para tanto, foram utilizadas como palavras-chave: educação; multiculturalismo; diversidade cultural; e prática pedagógica.

Foram incluídos os dados publicados entre 2006 e 2016, disponíveis na íntegra em língua portuguesa. Foram excluídas as publicações que não respondem o problema da pesquisa e as duplicidades.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e a partir do uso das palavras-chave combinadas e isoladamente, foram obtidas 146 publicações. Com a aplicação dos critérios de exclusão, 136 foram descartadas por estarem distantes do tema e/ou estarem duplicadas, além de alguns serem publicadas anteriormente a 2006. Restaram 10 artigos, para a análise e discussão.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Os artigos selecionados foram analisados a partir de uma pré-leitura dos resumos, sendo dispostos os seus resultados na Tabela 1, de maneira a contemplar o ano de publicação, autores, título, periódico e tema abordado.

Tabela 1 – Resultados obtidos

ANO	AUTOR	TÍTULO	PERIÓDICO	TEMA
-----	-------	--------	-----------	------

2008	CANEN, Ana.	A pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças	Ensaio: aval pol. públ. Educ	Relação entr universalismo, identidade, multiculturalismo e pesquisa em formação docente.
2008	CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Perelide Moura	Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro.	Pro-Posições	Multiculturalismo e educação inclusiva
2010	ALVES, Elder Patrick Maia	Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global	Revista Sociedade Estado	A promoção da diversidade cultural mediante o universalismo global.
2010	PAVAN, Ruth.	Currículo multiculturalismo: reflexões para a formação de educadores.	Rev. Lusófon a de Educação	Formação multicultural, currículo educação básica
2011	CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura	Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas	Revista Brasileira Educação	Proposta multicultural para a formação docente
2011	NUNES, Flaviana Gasparotti,	Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola	Pro-Posições	Diversidade cultural e identidade no ambiente escolar
2012	CORTESAO, Luiza	Professor: produtor e/ou tradutor de conhecimentos? trabalhando no contexto do arco-íris sociocultural da sala de aula	Educação Realidade	e O professor enquanto produtor de conhecimento no contexto da diversidade cultural.

2013	VIEIRA, Ricardo	Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural	Pro- Posições	As etnografias como recursos para a formação docente, do educando e identidade cultural.
2013	RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete	O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação.	Educação Pesquisa	e Diferença, diversidade, educação políticas públicas
2015	SALOMAO, Ana Cristina Biondo.	O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade	Revista Instituto Estudos Brasileiros	do Uma educação multicultural que enfoque a rica diversidade brasileira com enfoque nas raízes africanas.

Quanto ao ano de publicação, 20% dos artigos foram publicados em 2008, 20% em 2010, 20% em 2011, 10% em 2012, 20% em 2013 e 10% em 2015. Observa-se com isto, que houve uma distribuição equilibrada, exceto nos anos 2006, 2007, 2009, 2014 e 2016, por não haver publicação relevante.

Em relação aos periódicos, 80% são da área de educação. Os demais contemplam diversas áreas temáticas de humanidades, sociedade, política e educação.

Os diversos temas contemplados abordam três eixos temáticos principais: formação docente, prática pedagógica e diversidade cultural. Os autores discutem o multiculturalismo no contexto atual, apresentando uma abordagem diversificada, que varia de políticas públicas às ações em sala de aula.

São analisados os contextos históricos e conceituais a respeito da diversidade cultural, das diferenças, interculturalidade e multiculturalismo, com enfoque principal na contemporaneidade. Também são discutidas as práticas pedagógicas enquanto reprodução/produção de cultura no âmbito político, tendo como foco principal, a escola pública e as minorias.

Cultura é a diferença de raça, povos, religião, danças, comidas, vestuário, linguagem. Em cada território, cada elemento tem o seu valor independente de qualquer lugar, o que distingue os povos e civilizações em um tempo e espaço (NEVES, 2013). Se forma durante vários anos, com uma vasta gama de experiências vividas. Sua

dinâmica é intensa, e ao mesmo tempo perene e mutável em cada país, estado, ou cidade.

É a cultura que diferencia os humanos dos outros animais. Estes vivem por instinto, adaptados ao meio. Os seres humanos, ao contrário, além de adaptar-se ao ambiente, recriam-no, constroem, adaptando-o às próprias necessidades e desejos. A segurança, o abrigo, o conforto, a necessidade de saciar a fome, conduzem os humanos a criar edificações, objetos e meios que favoreçam o seu bem estar. Por meio do trabalho, produzem casas, estradas, ferramentas e veículos.

O trabalho é assim, a primeira expressão cultural humana. É por meio do fazer que são edificados os meios para a sobrevivência e bem estar de todos. A forma como este trabalho se realiza, depende das condições ambientais, históricas e sociais de cada local e época. (BAUMAN et al, 1980).

Outro aspecto cultural é o valor estético. Expresso no fomento à construção monumentos, esculturas e edificações que expressam o belo, provocando a fruição. Na arquitetura, a cultura se faz presente, não só pela finalidade das edificações, pela referência de funcionalidade, utilitarismo, mas também pelo valor artístico e estético, que vem se modificando ao longo dos séculos.

“Todo o processo de criação da capacidade do homem moderno de produzir e de utilizar a cultura foi definido como uma transformação quantitativa marginal que deu lugar a uma diferença qualitativa radical” (BAUMAN et al, 1980, p. 23). Sob esta perspectiva, há um entendimento diverso e controverso, pautado na ideologia de quem o define. Ao ser considerada algo inerente às classes, pode ser compreendida como algo marginal, enquanto folclore e expressão das camadas populares ou erudito, o que emerge das classes privilegiadas.

Por outro lado há também o entendimento relativizador, o qual analisa o fazer humano, a construção das relações sociais, grupais e a criação de meios para viver como um processo cultural, que difere em cada grupo e tempo histórico. Cada realidade cultural tem especificidades que atendem a uma lógica interna de comportamento, costumes e concepções. Para compreendê-la é necessário contextualizar os diversos procedimentos culturais produzidos. As variadas formas de constituição familiar, as diferentes maneiras de habitar e os instrumentos de produção não são arbitrários. “Fazem sentido para os agrupamentos humanos que as vivem, são resultado de sua história, relacionam-se com as condições materiais de sua existência” (SANTOS, 2006, p. 8).

O etnocentrismo, enquanto postura do pesquisador, é uma tendência em atribuir um absolutismo aos conhecimentos aceitos como verdades absolutas, ainda que sejam particulares de uma civilização, um grupo social, um espaço e um tempo histórico específico. Baseia-se em axiomas, os quais demonstram uma linearidade na análise dos fenômenos, adequando-os aos conhecimentos científicos.

Matta (1987) apresenta uma grande contribuição sobre o entendimento da diversidade cultural brasileira, enquanto civilização industrial, tendo como norte a postura relativizadora. Salienta que ao analisar as relações humanas de forma contextualizada, é possível compreendê-las sem impor uma maneira de viver, trabalhar e produzir que conduz os sujeitos à reificação, sob o pretexto de evolução e preparação para um futuro moderno e tecnológico.

Desse modo, cultura pode ser compreendida como um movimento dinâmico, dialético, movido pelas necessidades e intensões de um grupo social, reverberando sobre outros grupos e outros tempos.

Ao analisar a diversidade cultural tendo como referência a cultura de uma sociedade hegemônica, de maneira etnocêntrica, contribui-se para a ampliação das desigualdades, da pobreza e das injustiças sociais. O etnocentrismo faz com que a diferença seja um critério de julgamento, de maneira a considerar o outro, um sujeito “estranho, nojento, ridículo, esquisito, absurdo, engraçado ou desajeitado” (ASSIS; NEPOMUCENO, 2008, p. 4).

Para superar esta percepção unilateral e individualista, é necessário relativizar. Compreender que os parâmetros são o modo de vida construído por cada povo, para satisfazer as suas necessidades básicas (fisiológicas e psicológicas). Emerge da compreensão de que as bases da cultura estão alicerçadas nas condições de sobrevivência, tais como a natureza e o domínio do conhecimento.

É na relação do ser humano com o meio que ocorre o desenvolvimento da cultura. Daí a concepção de relatividade cultural (multiculturalismo), como uma linha de pensamento oriunda da pluralidade humana. Compreende-se sob este aspecto que cada cultura possui características gerais comuns a diversos grupos sociais e particulares, específicas de cada grupo.

Para compreender o multiculturalismo na perspectiva educacional, é necessário considerar a identidade dos educadores e educandos e as diferenças presentes no contexto escolar. No processo de formação continuada, quando há um diálogo entre a academia e a escola, há maior possibilidade de auxiliar os profissionais de educação no

reconhecimento de si e do outros, enquanto identidades diversas, que substanciam a diversidade cultural.

Neste propósito, Canen e Xavier (2008; 2011) salientam a importância da Universidade como um veículo para a formação dos professores, no sentido de promover a valorização do multiculturalismo na prática pedagógica e consequentemente do currículo. As autoras apontam a formação do professor pesquisador como um caminho para a construção de uma proposta curricular antropocêntrica e relativizadora, tanto no âmbito universitário quanto escolar.

A extensão universitária, ao levar os professores acadêmicos às escolas públicas, na intenção de abrir um diálogo entre e os dois espaços, pode gerar fortes impactos, fazendo com que haja uma transformação substancial na forma de pensar e fazer educação (CANEN; XAVIER, 2011). Evidencia-se o aspecto dialético do ensino, ou seja, à medida que os atores dos diversos cenários educativos dialogam, analisam os contextos e as posições individuais e coletivas a respeito da realidade observada, vão se transformando e modificando as bases epistemológicas, teóricas e curriculares.

Pavan (2010, p. 126) salienta a necessidade de “apreender as diferentes formas curriculares, situá-las e historicizá-las com os possíveis atravessamentos que possam ocorrer, tais como: gênero, cultura, religiosidade, nacionalidade, raça e outros”. Tais abordagens expressam as dimensões multiculturais, que são um espelho das identidades. Por esta razão é necessário repensar o tratamento quase folclórico dado às questões como o racismo, as diferenças étnicas/raciais, as religiões de matrizes africanas; e unilateral, machista, dado aos aspectos de gênero.

O currículo é a base que norteia os livros didáticos, os planejamentos, a prática pedagógica e as avaliações escolares. Ao colocá-lo em uma situação de revisão constante, submetendo-o à realidade e necessidades dos alunos, bem como aos aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos vigentes, os educadores atribuem ao currículo um entendimento de transformação e adequação constantes. Sob este prisma:

Compreendermos o currículo como todas as experiências organizadas pela escola significa considerar toda a gama de acontecimentos que temos dentro da escola, tais como: o tratamento que é dispensado ao aluno e a aluna, que tipo de exigências são feitas em relação ao seu comportamento, as suas aprendizagens, avaliação, o que é considerado conhecimento válido, o que é cultura, bem como os valores que são trabalhados explicita e/ou implicitamente no espaço escolar. Além disso, que tipo de identidades são legitimadas, incluídas, valorizadas (PAVAN, 2010, p. 126).

Sob este entendimento, currículo é um instrumento-ação, e não um documento pré-moldado e engessado que se repete e se reproduz ao longo das décadas. Entretanto,

para que se conquiste esta nova forma de fazer currículo, é necessária conquistar um novo olhar sobre a escola, a qual, alinhada com os conceitos antropológicos, passa a produzir conhecimento e não apenas traduzi-lo.

A priori, Cortesão (2012) explica que quando o professor está desenvolvendo uma atividade com seus alunos, está a traduzir os conteúdos científicos que outros produziram, de maneira a torná-los inteligíveis, por meio de linguagem e ritmo acessíveis. A práxis educativa é enredada conforme padrões de um sistema que define o papel de cada um, como aquele que produz (historiador, químico, biólogo, filósofo), aquele que traduz (professor) e aquele que aprende (aluno). O sistema educacional tem uma função, sob esta perspectiva, reprodutivista, pois transfere para a sala de aula, os padrões científicos, acadêmicos e políticos da sociedade.

Traduzir o conhecimento é essencial para que este seja difundido e alcançado pelas crianças, jovens e adultos, formando grupos sociais cujos padrões se solidificam, criando a identidade social. Entretanto, convém refletir que a maior parte dos conteúdos determinados pelo sistema de ensino vigente traduzem os interesses da classe hegemônica, não contemplando as identidades dos grupos minoritários, como as comunidades quilombolas, indígenas, rurais, as que vivem nas periferias urbanas, e de grupos específicos, como os de idosos, mulheres e Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (LGBT's).

Reconhecer que a escola ainda atua como reprodutora do sistema e mera tradutora do conhecimento científico é essencial para engendrar as mudanças necessárias à valorização da diversidade étnica. Por outro lado, Cortesão (2012) afirma que ao ignorar esta função reprodutivista e tradutora, o professor pode entrar em um ciclo de pouca lucidez e incapacidade para enfrentar os problemas decorrentes devido à falta de entendimento crítico.

A este respeito, Freire (1996) diferencia a consciência ingênua da crítica, sendo a primeira àquela que interpreta os fatos sociais, as relações de classe e de poder e o conhecimento, como verdades pré-determinadas, inexoráveis e imutáveis. A segunda, a qual compreende os condicionantes históricos, políticos destas relações, suas causas e consequências, bem como os papéis assumidos por cada sujeito, para a manutenção das desigualdades.

Ser igual na diferença é um pensamento novo no âmbito educativo e político. A Constituição Federal (CF) de 1988, Carta Magna símbolo da democracia e da cidadania, contempla a igualdade entre os seres humanos, como doutrina no Art. 5º que: “Todos

são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade de direito à vida, à igualdade, à segurança e à propriedade”. Desta forma, determina a igualdade entre todos, independente das diferenças.

Entretanto, não basta afirmar que as pessoas são iguais em direitos e deveres, como exposto no Parágrafo I do Art. 5º da C.F. para que haja respeito a todos os cidadãos. É necessário contemplar as diferenças, para que a igualdade seja respeitada como um direito fundamental. Desta maneira, o Parágrafo VIII do mesmo Artigo salienta: “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei” (BRASIL, 1988, p. 15).

Embora não haja uma explicitação das diferenças de gênero como são compreendidas atualmente, estas estão implícitas, na palavra “Todos”, a qual compreende uma totalidade, sem exceções. Entretanto, no âmbito educacional, os dispositivos vigentes a partir da década de 1990, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), não contemplam a diversidade de gênero e étnico/racial, de maneira a ultrapassar as barreiras da simplificação e do folclore.

A sexualidade aparece nos PCN como um tema transversal. O respeito à diversidade de comportamento, valores e crenças, os aspectos culturais determinantes dos gêneros masculino e feminino são assinalados, a fim de evitar atitudes discriminatórias (BRASIL, 1997). Contudo, não são abordados grupos identitários, temas como os homossexuais e transgêneros. Enquanto a sociedade avança no tratamento da sexualidade, a educação escolar ainda encontra barreiras nas concepções ideológicas protecionistas e retrógradas.

Mas há um caminho que vem sendo trilhado pelos educadores relativizadores da diversidade cultural, os quais defendem uma ideia de prática pedagógica voltada para o multiculturalismo. A sociedade está marcada pelas diferentes maneiras de compreender o mundo; caracteriza-se por identificações grupais as quais ultrapassam a ideia de uma cultura única. Sob estes novos olhares, emerge o multiculturalismo como um “conjunto de ideias e processos que visam o reconhecimento da diversidade cultural, assim como a extinção de qualquer forma de preconceito derivado de diferenciações identitárias ou culturais” (NUNES, 2011, p. 116).

Desta maneira, uma prática pedagógica que contemple o multiculturalismo contribui com a redução do preconceito, pois oferece uma base para o respeito à dignidade humana. Isto porque são consideradas as diversidades culturais, analisando cada grupo em particular e as relações entre estes. Convém à escola trabalhar para que cada pessoa compreenda a si mesma como um ser social; capaz de questionar sobre a realidade e as forças históricas que a mantêm e transformam (NUNES, 2011).

À medida que o estudo das diversas culturas torna-se mais relativizador, tendo como norte a ideia de ser social, mais se aproxima da realidade de cada sujeito e grupo. Enquanto há um aspecto cultural comum à maior parte das pessoas de uma mesma sociedade, existem as dimensões culturais particulares a cada grupo e cada sujeito.

A formação cultural ocorre no cotidiano, no desenvolvimento de estratégias para solucionar os problemas. Tais ações vão sendo repassadas entre os grupos sociais a ponto de fazer parte daquele local e tempo histórico.

A escola é um espaço carregado de diferentes formas e simbolismos culturais marcados pela diversidade de pessoas que ali convivem. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre as práticas educacionais que são desenvolvidas no seu interior, de forma que estas busquem trabalhar com as diferenças existentes e com as relações de identificação e diferenciação que ocorrem não apenas em seu interior, mas que se estendem externamente, refletindo diretamente nas práticas sociais desenvolvidas pelos sujeitos em suas relações cotidianas (NUNES, 2011, p. 117).

Contudo o preconceito que norteia a análise destas expressões culturais, aliado à marginalidade que as pessoas sofrem, reforça a forma monogenista de analisar a cultura. Estas atitudes discriminatórias reforçam os problemas de aprendizagem e a consequente evasão escolar, pois os alunos não são compreendidos e suas necessidades não são contempladas. “Absentismo, desinteresse, indisciplina, mesmo violência, por exemplo, mais não são que simples sintomas de problemas cujas raízes se situam muitas vezes não só na escola, mas também no contexto social mais vasto de que ela faz parte” (CORTESÃO, 2011, p. 723).

Uma educação multicultural promove a compreensão destes problemas enfrentados pelos alunos e professores e provoca a possibilidade do desenvolvimento de estratégias pedagógicas que os auxiliem na resolução das dificuldades enfrentadas. Desta forma, há uma tendência em equacionar a questão da permanência em sala de aula.

A UNESCO explica que a educação é o instrumento que viabiliza o cumprimento das capacidades interculturais, como ferramentas para auxiliar no encontro entre as pessoas de diferentes culturas. Neste aspecto, o multiculturalismo expande da

diversidade cultural para a interação entre as pessoas de culturas diferentes, de modo a haver uma troca de saberes e expansão do olhar a respeito de si e do outro (ALVES, 2010; RODRIGUES; ABRAMOWICZ, 2013).

A educação intercultural, enquanto estratégia pedagógica, propõe que haja uma abertura à apreciação de conhecimentos, valores e linguagem diversas. É primordial a superação do referencial racialista presente nas políticas educacionais brasileiras, as quais procuram a partir de um reconhecimento da diversidade, a unidade cultural, propondo a tolerância, sem pensar na superação das desigualdades (RODRIGUES; ABRAMOWICZ, 2013).

Desta forma, Salomão (2015) apresenta uma proposta de ensino de línguas a partir de uma visão multicultural e intercultural. Defende o encontro de estratégias para a de inserção dos componentes culturais diversos na educação linguística, enfocando “a (inter)subjetividade dos aprendizes como participantes na diversidade e a emergência da cultura, vista de forma dinâmica, na interação com o outro” (SALOMÃO, 2015, p. 361).

Há uma tendência em ensinar língua estrangeira a partir da visão etnocêntrica de cultura, a qual implica em considerar a expressão cultural única de uma nação (Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos), como referência para o aprendizado linguístico. No Brasil, o ensino de língua estrangeira geralmente é realizado apresentando a cultura do país estrangeiro como superior ao do indivíduo aprendente.

Isto reflete o processo de supervalorização do outro em detrimento de si mesmo, o que pode conduzir à negação da própria identidade. Por outro lado, a dificuldade em assimilar a cultura do outro como algo superior pode se refletir na resistência ao aprendizado da língua e consequente rendimento insuficiente.

O objetivo de se estudar a(s) cultura(s) relacionada(s) à língua alvo seria desenvolver uma competência que se aproximasse daquela do falante nativo, para que poder se inserir na “outra cultura”. Nesse sentido, cultura seria também tomada como *civilização* (remetendo-nos à ideia Iluminista francesa de progresso coletivo da humanidade): a Cultura, com C maiúsculo, ou seja, os grandes feitos de um povo, que se refletem em sua história, instituições sociais, obras de arte, arquitetura, música e literatura, e também a cultura, com c minúsculo, na qual entrariam os costumes, tradições e práticas cotidianas das pessoas (SALOMÃO, 2015, p. 373).

Assim sendo, o ensino deve contemplar a cultura elitista e a popular, não como instrumento de supervalorização do outro país e negação de si, mas como uma referência para a compreensão da língua nos diferentes contextos culturais. Para que o professor contemple o multiculturalismo, sob um olhar intercultural, é necessário estabelecer um diálogo entre a cultura do eu e a do outro, salientando a riqueza de ambas, e as possibilidades de integração, valorizando as referências de cada uma.

Vieira (2013) apresenta como proposta multicultural o ensino por meio das etnobiografias. Salienta que esta experiência de resgate da história autobiográfica permite uma reconstrução identitária e favorece a formação de professores sob o aspecto da diversidade cultural. O educador etnobiográfico compreende os processos educativos a partir de dentro, da visão e da experiência particular na trajetória de vida e profissional; fato que possibilita ampliar as dimensões da ciência e da cultura, bem como das identidades que convivem na sala de aula.

Ao desenvolver autobiografias os educadores, ao mesmo tempo em que pensam por si e em si, pensam com o outro e no outro, de maneira a compartilhar saberes e vivências guiadas pelas referências identitárias de cada um. Assim, forma-se um professor etnográfico, investigador, que vai para a sala de aula na ânsia de produzir saberes com os educandos, formando, assim, sujeitos pesquisadores, curiosos e conscientes de si e do seu lugar no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica multiculturalista é uma tendência contemporânea que tem raiz na valorização da diversidade cultural, como forma de promover a identificação com as diferentes culturas produzidas por diferentes grupos sociais de pertencimento, que convivem em um mesmo espaço social.

Na escola há uma forte presença de referências culturais particulares, apreendidas pelos sujeitos no convívio familiar e social. Estas são refletidas no modo de ser e de agir de cada aluno e professor, fazendo com que haja um aproveitamento dos conteúdos científicos diferenciados, tanto em ritmo de aprendizagem quanto em compreensão dos conceitos, teorias e paradigmas expressos na grade curricular.

Ao tratar dos conteúdos, assumindo uma postura relativizadora, o educador instrumentaliza-se e humaniza-se a ponto de compreender as dificuldades enfrentadas pelos alunos, para aprender e permanecer em sala de aula. As limitações para compreender os conhecimentos elencados tendem a ser superadas, pois os educadores passam a buscar estratégias antropológicas de compartilhamento dos saberes.

A partir da leitura das diversas referências utilizadas para o desenvolvimento deste estudo, foi possível perceber que a consciência crítica, é o principal viés para o desenvolvimento de uma prática pedagógica multicultural. Os autores advertem sobre o risco de compreender a cultura como algo estanque, imutável e dicotômico (elitista e

popular), pois desta maneira as relações construídas dentro e fora da escola tendem a ser pautadas na desigualdade e no desrespeito às diferenças.

Há neste estudo um convite para que o educador repense a sua trajetória pessoal e profissional por meio de uma ação autobiográfica, tendo como base o relativismo cultural. Esta estratégia cada vez mais utilizada na formação docente reforça a ideia de professor-pesquisador que investiga a realidade e os fenômenos em sala de aula com a intenção de compreender, aprender e contribuir com o fortalecimento das culturas.

Assim, as identidades das minorias vão se firmando como algo positivo, elevando a autoestima de estudantes e seus familiares contribuindo com o fomento à cultura e às produções de conhecimento a partir da realidade de cada sujeito. As reflexões suscitadas neste estudo reafirmam o princípio antropológico de que cada sujeito é uno na diversidade e diverso na unidade. Portanto, é no convívio em sala de aula que cada um se identifica, se reafirma e contribui com a formação de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

_____. Formação continuada de professores para a diversidade cultural: ênfases, silêncios e perspectivas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 641-661, dez. 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782011000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362008000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Soc. estado**. Brasília, v. 25, n. 3, p. 539-560, dez.2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922010000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Estudos contemporâneos de cultura**. UEPB/UFRN, 2008. 15 fasc. (Curso de Licenciatura em Geografia – EaD) 236 p.

BASTOS, Núbia M. Garcia. **Introdução à Metodologia do Trabalho Acadêmico**. 4. Ed. Fortaleza: Nacional, 2007.

BAUMAN, Z. et al. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Col. Rosa dos Ventos, v. 3, Porto Alegre, RS: Editorial Villa Martha LTDA, 1980.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 18. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.

CANEN, Ana. A pesquisa multicultural como eixo na formação docente: potenciais para a discussão da diversidade e das diferenças. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 59, p. 297-308, jun. 2008. Disponível em

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Perelide Moura. Multiculturalismo e educação inclusiva: contribuições da universidade para a formação continuada de professores de escolas públicas no Rio de Janeiro. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 225-242, dez. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072008000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2017.

CORTESAO, Luiza. Professor: produtor e/ou tradutor de conhecimentos? trabalhando no contexto do arco-íris sociocultural da sala de aula. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 719-735, dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217562362012000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2017.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, Mônica Cecilia; TAKAHASHI, Renata Ferreira; BERTOLOZZI, Maria Rita. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, Out. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000500033&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MATTA, Roberto da. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1987.

NEVES, Renata Ribeiro. Centro Cultural: a Cultura à promoção da Arquitetura. **Revista Especialize**, v. 1, n 5, 2013.

NUNES, Flaviana Gasparotti. Interculturalidade e o papel da escola na atualidade: reflexões a partir do filme Entre os muros da escola. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 113-130, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072011000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jul. 2017.

PAVAN, Ruth. Currículo e multiculturalismo: reflexões para a formação de educadores. **Rev. Lusófona de Educação**, Lisboa, n. 15, p. 125-135, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S164572502010000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

SALOMAO, Ana Cristina Biondo. O componente cultural no ensino e aprendizagem de línguas: desenvolvimento histórico e perspectivas na contemporaneidade. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 361-392, set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010318132015000200361&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

SANTOS, José Luiz dos (1949). **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Col. Primeiros Passos.

VIEIRA, Ricardo. Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural. **ProPosições**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 109-123, ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072013000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.